

## A Verdade como Pilar da Justiça e da Reconstrução Nacional

FERNANDES, Joel Aló\*

*“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” — João 8:32*

A verdade constitui o alicerce de qualquer sociedade que ambiciona justiça, paz e progresso. Quando é negligenciada, distorcida ou silenciada, instala-se um vazio moral e institucional que arrasta a nação para ciclos de desinformação, impunidade e descrença coletiva. Sem verdade, não há diagnóstico real dos problemas, nem soluções eficazes. O país, então, não apenas estagna — caminha perigosamente rumo ao abismo.

Ao proferir a célebre frase “conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, Jesus Cristo não oferecia apenas uma promessa espiritual, mas convocava os seus seguidores à lucidez e à transformação interior. A verdade, neste contexto, é libertadora porque revela a realidade e exige mudança. Leon Tolstói, na sua obra *A Confissão* (1882), reforça esta ideia ao afirmar: *“A verdade é como o ouro: não se obtém aumentando-a, mas removendo as impurezas.”* Para o autor russo, a verdade exige esforço, depuração e coragem. É, por isso, um acto de bravura — próprio de heróis e de verdadeiros patriotas.

Em contrapartida, a mentira — tantas vezes adotada como estratégia por indivíduos, lideranças e instituições — corrói os fundamentos da convivência harmoniosa e da justiça social. Immanuel Kant, na sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* (1785), foi peremptório: *“A mentira é a maior violação que se pode cometer contra a dignidade humana.”* Para Kant, a verdade é um imperativo categórico. Mentir é negar ao outro o direito de decidir com base na realidade, comprometendo a autonomia moral que sustenta a ética racional.

A mentira institucionalizada destrói a confiança entre governantes e governados. Promessas vazias, manipulação de dados e ocultação de factos criam um ambiente de traição e desamparo. Mais grave ainda é quando a mentira emana de instituições que deveriam ser o farol moral da sociedade — como a justiça. A justiça não pode conhecer outro caminho senão o da verdade. Quando se afasta desse princípio, compromete a sua missão essencial: garantir equidade, proteger direitos e servir o bem comum. Mahatma Gandhi, na sua autobiografia *A Minha Vida e Minhas Experiências com a Verdade* (1927), afirmava: *“A verdade é o meu Deus.”* Para Gandhi, a verdade é o princípio

---

\* FERNANDES, Joel Aló. Doutor em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

absoluto, superior à própria religião ou política. Os operadores do direito — sobretudo os juízes — deveriam ter a verdade como divisa inegociável, acima de qualquer capricho humano ou conveniência institucional.

Martin Luther King Jr., figura incontornável na luta pelos direitos civis nos Estados Unidos, advertia com clareza: “*A mentira é um veneno que destrói a alma e a sociedade.*” Para King, a mentira não é apenas um desvio moral — é um instrumento de perpetuação da injustiça e da opressão. Em contraponto, a verdade representa o caminho para a liberdade, a dignidade e a igualdade entre os povos. Na sua obra *Strength to Love* (1963), publicada em português como *A Força de Amar*, King defende que a verdade, aliada ao amor, constitui uma força revolucionária capaz de regenerar uma sociedade dilacerada pela falsidade, pelo ódio e pela indiferença. Para ele, só uma cultura enraizada na verdade e na compaixão pode dar origem a uma comunidade pacífica, igualitária e justa, onde os valores éticos não são apenas proclamados — são vividos.

A democracia, por sua vez, não sobrevive sem verdade. Sem ela, o voto torna-se cego, o debate público transforma-se em ruído tóxico e as políticas públicas perdem legitimidade. A ausência de verdade impede também a reconciliação com o passado. Países que não reconhecem as suas injustiças históricas — sejam elas sociais, raciais, ambientais ou políticas — perpetuam feridas abertas e alimentam divisões. A verdade é o primeiro passo para a reparação, para o reconhecimento das vítimas e para a construção de uma memória coletiva que sustente um futuro mais justo.

Sócrates, o pai da filosofia ocidental, dizia: “*A mentira nunca vive o suficiente para envelhecer.*” Esta máxima, preservada nos diálogos de Platão, sublinha que a verdade é duradoura, enquanto a mentira é efêmera e autodestrutiva. A verdade resiste ao tempo; a mentira desfaz-se perante a luz da razão.

Por conseguinte, uma nação que pretende avançar deve renunciar à mentira e edificar-se sobre a verdade — essa verdade que liberta, que cura, que transforma. Como ensinou Jesus, só a verdade tem o poder de libertar. E sem liberdade, não há futuro.

## **Bibliografia**

- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2003.
- TOLSTÓI, Leon. *A Confissão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2001.

- GANDHI, Mahatma. *A Minha Vida e Minhas Experiências com a Verdade*. Tradução de José Geraldo Vieira. São Paulo: Editora Palas Athena, 2007.
- KING Jr., Martin Luther. *A Força de Amar*. Tradução de João Ferreira. São Paulo: Editora Vozes, 2000.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- BÍBLIA SAGRADA. *Evangelho segundo João*, capítulo 8, versículo 32. Tradução: Almeida Revista e Atualizada. Sociedade Bíblica de Portugal.